

# Filosofias educacionais

Assuntos da educação de surdos, como metodologia de ensino, língua a ser utilizada, forma de comunicação e avaliação sempre estiveram (e estão) presentes em congressos, pesquisas e estudos nessa área.

Os primeiros educadores surgiram na Europa, no século XVI, momento em que se acreditava que o surdo poderia ser “educado”. O acesso ao trabalho pedagógico era restrito aos filhos surdos de famílias nobres e abastadas que viam na possibilidade da oralização o gozo dos direitos civis previstos na época, negados para aqueles que não falavam.

Historiadores relatam que o monge beneditino espanhol Pedro Ponce de Leon (1520-1584) desenvolveu uma metodologia de educação para surdos que incluía datilologia (alfabeto manual), escrita e fala, sendo assim considerado o primeiro professor de surdos.

Esse caminho que a educação percorreu (e ainda percorre) reflete as experiências políticas, ideológicas, culturais e econômicas vivenciadas num dado momento histórico. Registram-se nesses meandros três modelos educacionais partilhados pela pedagogia e vivenciados até hoje na educação de surdos. São eles: oralismo, comunicação total e bilinguismo.

## Oralismo

Na Alemanha, com Samuel Heinick, surgiu a filosofia educacional oralista, que defendia o ensino da língua oral e rejeitava a língua de sinais. Heinick fundou a primeira escola pública para crianças surdas baseada no oralismo.

Avanços tecnológicos que facilitavam o aprendizado da fala pelo surdo impulsionaram a prática dessa filosofia na segunda metade do século XIX, em detrimento da língua de sinais, que acabou sendo proibida desde o Congresso de Milão, de 1880.

O oralismo é uma abordagem pedagógica que ganhou força em 11 de setembro de 1880 no Congresso Internacional de Professores Surdos, em Milão. Dos votos a favor do oralismo, 56 eram de professores franceses e 66 de professores italianos, ambos oralistas, que derrotaram os quatro votos a favor do uso da língua de sinais. Após esse congresso, várias escolas adotaram a filosofia oralista, dispensando professores surdos e proibindo oficialmente o uso de sinais, sob a alegação de que destruiriam a aquisição da linguagem na modalidade oral. O professor oralista Alexander Graham Bell foi um dos destaques do Congresso de Milão. Na tentativa de criar um aparelho auditivo para facilitar a comunicação com os surdos e realizar treinos de audição, Bell inventou o telefone, e por essa obra foi premiado.

Essa filosofia utiliza-se de resíduos e treinamento de audição como parâmetros para a aquisição da fala e da linguagem, associados à leitura da expressão facial, sem a utilização da língua de sinais.

Para os oralistas, a linguagem delimita-se apenas à fala. A meta dessa corrente é aproximar cada vez mais a criança surda em direção à normalidade e não à surdez (GOLDFELD, 1997; GUARINELLO, 2004). “Todo o entendimento sobre o processo de aquisição de linguagem e o papel do outro em relação ao desenvolvimento linguístico da criança ficam reduzidos à aquisição sistemática da fala” (GUARINELLO, 2004).

A instalação do método oralista envolveu por cerca de 100 anos a aplicação de verba pública e privada em setores da saúde e educação, para a aquisição de equipamentos para a ampliação de resíduos auditivos e a capacitação de professores reabilitadores. Nesse perfil, a visão terapêutica na prática escolar deixou a construção eminentemente pedagógica em segundo lugar.

No Brasil, a educação dos surdos teve início durante o segundo império, com a chegada do educador francês Eduard Huet. Em 1857, foi fundado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), que inicialmente utilizava a língua de sinais, mas que em 1911 passou a adotar o oralismo.

Segundo Dorziat (2006), as técnicas mais utilizadas no modelo oral são:

- treinamento auditivo<sup>1</sup> – estimulação auditiva para reconhecimento e discriminação de ruídos, sons ambientais e sons da fala;

---

<sup>1</sup> O treinamento auditivo é apoiado pelo uso do AASI (Aparelho de Amplificação Sonora Individual), que aumenta os resíduos auditivos.

- desenvolvimento da fala – exercícios para a mobilidade e tonicidade dos órgãos envolvidos na fonação (lábios, mandíbula, língua etc.) e exercícios de respiração e relaxamento (chamados também de mecânica de fala);
- leitura labial<sup>2</sup> – treino para a identificação da palavra falada através da decodificação dos movimentos orais do emissor.

A aplicação do método oral é um trabalho que não envolve somente a escola e terapeutas. Para a sua efetividade, faz-se necessária a dedicação dos familiares, utilizando integralmente a sua relação com os filhos de forma a reabilitá-lo a todo o momento nessa trilogia: leitura labial, percepção auditiva e fala. A família deverá ter ainda ciência de que não poderá utilizar-se de gestos para comunicar-se. Por fim, profissionais envolvidos orientam os familiares sobre a importância de iniciar esse trabalho o mais precocemente possível, a fim de garantir na estimulação o melhor desempenho da criança ainda no início do seu desenvolvimento.

## Comunicação total

Na década de 1970, com a visita de Ivete Vasconcelos, educadora de surdos da Universidade Gallaudet nos Estados Unidos, chegou ao Brasil a filosofia educacional denominada *comunicação total*.

A comunicação total defende a utilização simultânea de todos os recursos linguísticos, orais ou visuais, sem preocupação hierárquica, privilegiando a comunicação, e não apenas a língua. O objetivo principal era garantir a comunicação dos surdos entre si e entre surdos e ouvintes.

Freeman, Carbin e Boese (1999, p.171), citando Denton, colocam que a comunicação total inclui todo o espectro dos modos linguísticos: gestos criados pelas crianças, língua de sinais, fala, leitura orofacial, alfabeto manual, leitura e escrita. A comunicação total incorpora o desenvolvimento de quaisquer restos de audição para a melhoria das habilidades de fala ou de leitura orofacial, através de uso constante, por um longo período de tempo, de aparelhos auditivos individuais.

Os defensores da comunicação total compreendem o surdo além do *deficit* da audição; a leitura que se tem por trás da surdez é que existe um sujeito com-

<sup>2</sup> Strobel (2006, p.10) comenta que "Essa técnica de leitura labial: 'ler' a posição dos lábios e captar os movimentos dos lábios de alguém que está falando só é útil quando o interlocutor formula as palavras de frente com clareza e devagar [...] a maioria dos surdos só consegue ler 20% da mensagem através da leitura labial, perdendo a maioria das informações. Geralmente os surdos 'deduzem' as mensagens de leitura labial através do contexto dito".

preendendo o mundo e as relações sociais de forma diferente de um ouvinte, e por essa percepção deverá ser contextualizado também de modo diferente, de acordo com as suas especificidades.

A motivação de pesquisas acerca da comunicação total foi a descrença crescente da resposta do oralismo em relação ao desenvolvimento das crianças que fizeram parte da aplicação dessa metodologia.

Ciccone (1990) não nega a aprendizagem da oralidade em crianças surdas menores de três anos que foram expostas sistematicamente ao método oral, como também levanta a dificuldade que as mesmas tiveram em seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional uma vez que estes não foram realizados de uma maneira natural, e sim num sistema terapêutico.

Porém, assim como o oralismo, a comunicação total também teve as suas limitações. Por ser uma modalidade mista de comunicação entre a língua portuguesa e a de sinais, a sua aplicação é através de recortes gramaticais de uma e outra língua, gerando uma terceira modalidade de comunicação, conhecida como português sinalizado e/ou bimodalismo.

## Português sinalizado (ou bimodalismo)

O *bimodalismo* ou *português sinalizado* é o uso simultâneo de fala e de sinais, em que ocorre a introdução de elementos gramaticais de uma língua na outra. Por essa introdução, como a gramática de uma língua é diferente da outra, inviabiliza-se o uso adequado da língua de sinais, não permitindo o entendimento do surdo, sobre a informação ou, se há essa compreensão, a mesma ocorre em grau mínimo.

Nesse contexto seria a mesma coisa acreditar que poderíamos simultaneamente conversar com alguém fazendo uso do português e do inglês. Tal hipótese não poderia ser reunida em um mesmo discurso em razão da natureza linguística dessas duas línguas.

O bimodalismo, ou português sinalizado, não é considerado uma língua por não atender às especificidades interativas de um sistema de comunicação.

Novamente o sistema educacional para surdos entrou em crise. Novas pesquisas foram alavancadas e, a partir da década de 1980, surgiu uma nova modalidade de ensino direcionada ao público com surdez: o bilinguismo.

# Bilinguismo

Nos anos 1980, a partir das pesquisas da professora linguista Lucinda Ferreira Brito sobre a Língua Brasileira de Sinais e da professora Eulália Fernandes, sobre a educação dos surdos, o bilinguismo passou a ser difundido.

O bilinguismo acredita que o surdo deve adquirir a língua de sinais como língua materna (L1), com a qual poderá desenvolver-se e comunicar-se com a comunidade surda, e a língua oficial de seu país como segunda língua (L2), da qual fará uso para comunicar-se com a comunidade ouvinte. Essa abordagem defende a ideia de que ambas as línguas – a de sinais (LSB – Língua de Sinais Brasileira<sup>3</sup>) e a oral/escrita (língua portuguesa) – sejam ensinadas e usadas (isoladamente) sem que uma interfira e/ou prejudique a outra.

No contexto escolar, o objetivo é que o surdo possa acessar as duas línguas, sendo a língua de sinais (natural para ele) o instrumento de contato com a língua oficial do país, seja ela na modalidade oral e/ou escrita. O que definirá a inserção na L2, seja na forma oral e/ou escrita, são as condições do próprio aluno e o contexto familiar e social em que se insere.

Alguns pesquisadores sugerem duas formas de inserção do aluno no bilinguismo.

- Modelo sucessivo: em que a criança primeiro domina a Libras e após essa apropriação é imersa numa segunda língua.
- Modelo simultâneo: dinâmica em que a criança é inserida nas duas línguas, de forma simultânea, porém em momentos distintos para que uma não entre em conflito com a outra.

É importante que as famílias recebam orientações seguras sobre a inserção nessas duas línguas para que possam decidir de qual maneira será feita a educação de seu filho.

Diferentemente das correntes oralista e da comunicação total, os pesquisadores do bilinguismo percebem o surdo como um sujeito com potenciais, que assume a sua surdez e a sua identidade cultural, distante das práticas clínicas e da identidade ouvinte até então praticada.

A aplicação do bilinguismo convida as crianças surdas a serem postas primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam surdos mais experientes, seus

<sup>3</sup> Podemos encontrar na literatura tanto a expressão Libras (Língua Brasileira de Sinais) e LSB (Língua de Sinais Brasileira). Ambas as expressões estão corretas.

pais e professores, para que possam receber desses sujeitos significações sociais e linguísticas que lhe darão suporte emocional e cognitivo para se inserirem em outra língua.

Para discutir essa questão, Skliar (1998b) apresenta quatro modelos diferentes de educação bilíngue para surdos.

- **Bilinguismo com aspecto tradicional:** tem como princípio a prática clínica de medicalização da surdez, gerando o desenvolvimento da identidade surda de uma maneira mínima ou quase inexistente.
- **Bilinguismo com aspecto humanista e liberal:** revela a existência de uma igualdade natural entre ouvintes e surdos, o que não corresponde com a verdade, uma vez que há diferença no tratamento social de ambos.
- **Bilinguismo progressista:** aproxima e enfatiza a noção de diferença cultural que caracteriza a surdez, sem uma preocupação histórica, social e política de alguns membros da comunidade surda.
- **Bilinguismo crítico na educação de surdos:** é o exemplo de escolas que usam língua de sinais como mediação com o oral e não como a produção cultural linguística.

O que fica claro na proposta bilíngue e de seus defensores é que a principal preocupação é respeitar a autonomia das línguas de sinais e oral.

Para Brito (1993), no bilinguismo a língua de sinais é considerada uma importante via para o desenvolvimento do surdo, em todas as esferas de conhecimento e, como tal, propicia “a comunicação surdo-surdo, além de desempenhar a importante função de suporte do pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social”.

Na prática, todas as correntes vistas demonstram a preocupação de seus precursores em procurar compreender e minimizar as necessidades específicas dos surdos. Porém, o que se presencia hoje nas escolas de surdos, apesar de todos os esforços, é que ainda não são oferecidas as condições necessárias para que os alunos surdos construam o seu conhecimento, pois na quase totalidade das instituições os professores não são proficientes e usuários da língua de sinais, recorrendo muitas vezes à prática bimodal para ensinar.

Outra dificuldade do nosso sistema educacional refere-se aos casos de alunos surdos inseridos no ensino comum e que não têm intérprete de língua de sinais nas salas de aulas para propiciar a comunicação entre o aluno e seus professores.

## Texto complementar

### Linguagem e sociedade

(SALLES, 2004)

#### A diversidade linguística

Um aspecto fundamental a respeito das línguas naturais é sua imensa diversidade. De acordo com a *Enciclopédia da Linguagem de Cambridge*, existem cerca de 20 000 termos para designar línguas, dialetos e tribos. Calcula-se que haja entre 5 000 e 6 000 línguas vivas. Muitas permanecem desconhecidas para os estudiosos, estando seu destino, especialmente nesses casos, intimamente ligado à sobrevivência dos povos que as falam. Neste ponto, é preciso elaborar o conceito de *língua*, em oposição ao de *variedade* ou *dialeto*, por um lado, e ao de *registro* ou *estilo*, por outro – o conceito de *língua* usado para referir-se ao fenômeno do ponto de vista biológico e cognitivo foi examinado no capítulo anterior.

No contexto social, o termo *língua* tem sido usado para designar uma *língua nacional*, expressão do conjunto de manifestações culturais e artísticas de um povo e de uma geopolítica, a que se pode associar o papel de *língua oficial* e quadro de referência. Como *língua nacional*, é fator de união e identificação cultural. Como *língua oficial*, tem funções institucionais e políticas. No papel de *quadro de referência*, corresponde a um conjunto de formas linguísticas prestigiadas no contexto social, também referido como *norma padrão*. A *norma padrão* pode favorecer a manutenção de valores que promovem a situação de prestígio de certas formas linguísticas em detrimento de outras, como práticas de exclusão social<sup>1</sup>.

Naturalmente, existe a possibilidade de que duas ou mais línguas sejam oficiais, o que se explica por fatores históricos que levam à convivência (pa-

<sup>1</sup> O debate sobre o papel social da norma padrão como veiculadora de valores da classe dominante é amplo e aponta para a necessidade de promover políticas públicas que combatam o preconceito, sendo a educação fundamental nesse processo (BAGNO, 2001; PRETI, 1994).

cífica ou não) de povos e etnias em um mesmo território, submetidos a um mesmo sistema político. Também é relevante o conceito de *língua majoritária* e *língua minoritária*. Como na situação de duas ou mais línguas oficiais, nessa oposição, emergem aspectos psicossociais específicos, havendo para ambas as situações uma forte tendência à manifestação do *bilinguismo* (ou multilinguismo). De acordo com Cristal (1996), o bilinguismo é um fenômeno complexo, que envolve questões como o grau de proficiência, a regularidade e a frequência de uso, além de aspectos funcionais associados às condições de uso, como pressões sociais ou interesse pessoal. A situação de bilinguismo (ou multilinguismo) pode surgir por diferentes fatores:

- anexação política, ocupação militar e formação de campos de refugiados;
- migrações por razões religiosas;
- desejo de identificação cultural com um grupo étnico ou social;
- exigências do sistema educacional;
- exigências na interação comercial;
- desastres naturais levando ao movimento de populações.

A esses fatores deve-se acrescentar a situação das comunidades surdas em relação às comunidades ouvintes. No caso da situação linguística do surdo, a ser retomada e detalhada nas partes subseqüentes deste livro, pode-se dizer que sua língua é minoritária, sendo desejável a educação bilíngue, com a língua de sinais adquirida como L1, e a língua oral, por exemplo, o português, como L2.

Com relação ao termo *dialeto* ou *variedade linguística*, pode-se dizer que se refere à realidade linguística de uma comunidade, considerada em função de um conjunto de variáveis inerentes ao fenômeno sociocultural. Seguindo a tradição de estudos da linguagem no contexto social inaugurada por William Labov e recorrendo a uma formulação didática, as variáveis podem ser apresentadas como a seguir:

- a *variável geográfica* – refere-se a variações linguísticas no nível fonológico (do sotaque), da seleção vocabular e no nível gramatical iden-



tificados nas diferentes regiões geográficas. Não é difícil reconhecer diferenças desse tipo comparando-se variedades do português de Portugal, de Moçambique, do Brasil e, dentro do Brasil, variedades regionais, como a nordestina, a gaúcha, a mineira, a carioca etc.

- a *variável social* – refere-se a variações linguísticas associadas a fatores como classe social, idade, escolarização, profissão.
- a *variável grau de formalidade* – refere-se a variações linguísticas associadas ao contexto em que se encontra o falante: registro mais formal ou menos formal, familiar; refere-se ainda aos diferentes gêneros textuais.

Conforme ressaltado em Salles (2001), a articulação dessas variáveis está associada às especificidades da organização social, que pode ser *complexa*, como a sociedade brasileira, ou *não complexa*, como inúmeras comunidades indígenas brasileiras. Na dinâmica social, tem-se ainda o fenômeno das línguas e variedades em contato, sendo particularmente interessante a situação das comunidades minoritárias. O caso da interação entre comunidades de ouvintes e surdos tem significado especial pelo fato de que os surdos apresentam referenciais culturais e linguísticos próprios e, ao mesmo tempo, comungam com os ouvintes os referenciais da cultura nacional e da cidadania. Nesse sentido, as comunidades minoritárias apresentam características muito interessantes. O caso particular das comunidades de surdos tem significado especial, pelo fato de seus membros apresentarem referenciais culturais e linguísticos próprios e, ao mesmo tempo, compartilharem com os ouvintes os referenciais da cultura nacional, na condição de cidadãos brasileiros.

## Dica de estudo

Leia *O Surdo em Si Maior*, de Cilmara Cristina Alves da Costa Levy e Patrícia Simonetti, editora Rocco, 1999.

Nessa obra as autoras abordam temas das áreas de Serviço Social, Psicologia, Pedagogia e os problemas relacionados à surdez, na tentativa de lutar pelo bem-estar do paciente surdo, enfatizando os papéis desses profissionais e a ajuda que poderão oferecer aos surdos em sua integração social.

---

## Atividades

1. Explique como é a filosofia educacional oralista.

---

---

---

---

---

2. Descreva o modelo educacional bilíngue.

---

---

---

---

---

---

---

3. Comente as diferentes modalidades do bilinguismo.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Gabarito

1. Essa filosofia utiliza-se de resíduos e treinamento de audição como parâmetro para a aquisição da fala e da linguagem, associados à leitura da expressão facial, sem a utilização da língua de sinais, que nesse contexto passa a ser proibida.
2. O bilinguismo acredita que o surdo deve adquirir a língua de sinais como língua materna (L1), com a qual poderá desenvolver-se e comunicar-se com a comunidade surda, e a língua oficial de seu país como segunda língua (L2), a qual fará uso para comunicar-se com a comunidade ouvinte. Essa abordagem defende a ideia de que ambas as línguas – a de sinais (LSB) e a oral/escrita (português) – sejam ensinadas e usadas (isoladamente) sem que uma interfira e/ou prejudique a outra.

3.

Bilinguismo com aspecto tradicional: tem como princípio a prática clínica de medicalização da surdez, gerando o desenvolvimento da identidade surda de uma maneira mínima ou quase inexistente.

Bilinguismo com aspecto humanista e liberal: revela a existência de uma igualdade natural entre ouvintes e surdos, o que não corresponde com a verdade, uma vez que há diferença no tratamento social de ambos.

Bilinguismo progressista: aproxima e enfatiza a noção de diferença cultural que caracteriza a surdez, sem uma preocupação histórica, social e política de alguns membros da comunidade surda.

Bilinguismo crítico na educação de surdos: é o exemplo de escolas que usam língua de sinais como mediação com o oral, e não como a produção cultural linguística.

---

## Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Subsídios para a Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial**. Brasília: Área DA/MEC/SEESP, 1995.

- BRITO, L. F. **Integração Social e Educação de Surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- CICCONE, M. **Comunicação Total**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.
- COUTO, A. **Como Posso Falar**: aprendizagem da língua portuguesa pelo deficiente auditivo. Rio de Janeiro: Aula, 1988.
- DORZIAT, Ana. **Metodologias Específicas ao Ensino de Surdos**: análise crítica. Disponível em: <[www.ines.org.br/ines\\_livros/13/13\\_PRINCIPAL.HTM](http://www.ines.org.br/ines_livros/13/13_PRINCIPAL.HTM)>. Acesso em: 25 set. 2010.
- FERNANDES, Eulália. **Problemas Linguísticos e Cognitivos do Surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- FREMAN, Roger D.; CARBIN, Clifton F.; BOESE, Robert J. **Seu Filho não Escuta?** Um guia para todos que lidam com crianças surdas. Brasília: MEC/SEESP, 1999.
- GOLDFELD, M. **A Criança Surda**: linguagem e cognição numa perspectiva socio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.
- GUARINELLO, A. C. **O Papel do Outro no Processo de Construção de Produções Escritas por Sujeitos Surdos**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná (UFPR).
- GUBERINA, P. **La Méthode Verbo-Tonale et son Application dans la Rééducation des Sourds**: conférence faite au Congrès pour les reeduqués sourds. Washington: juin 1963.
- KOZLOWSKI, L. A educação bilíngue/bicultural do surdo. In: LACERDA, C.; NAKAMURA, H.; LIMA, M. (Orgs.). **Fonoaudiologia**: surdez e abordagem bilíngue. São Paulo: Plexus, 2000.
- LURIA; YUDOVICH. **Linguagem e Desenvolvimento Intelectual da Criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- POKER, R. B. **Troca Simbólica e Desenvolvimento Cognitivo em Crianças Surdas**: uma proposta de intervenção educacional. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2002.
- POLLACK, D. **Educational Audiology for the Limited Hearing Infant**. Illinois: Charles C. Thomas Publisher, 1970.

QUADROS, R. M. **A Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REIS, V. P. F. **A Criança Surda e seu Mundo**: o estado da arte, as políticas e as intervenções necessárias. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 1992.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima *et al.* **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC/SEESP, 2004. v. 2. il. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

SILVA, Tomaz T. **Contrabando, Incidentes de Fronteira**: ensaios de estudos culturais em educação. Porto Alegre: Vozes, 1998.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. A forma visual de entender o mundo. *In*: Educação para todos. **Revista Especial**, SEED/DEE, Curitiba, Expediente, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Una Mirada Critica sobre la Educacion Bilingue para Sordos**: política de las identidades sordas y multiculturalismo. I Congresso Ibero-Americano. Lisboa: jul. 1998b.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos**: processos e projetos pedagógicos. v. 1. Porto Alegre: Mediação, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos**: interfaces entre Pedagogia e Linguística. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOARES, M. A. L. **A Educação do Deficiente Auditivo**: reabilitação ou escolaridade? Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) 1990.

\_\_\_\_\_. **A Educação do Surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

STEWART, D. Hearing parents and deaf children. *In*: W. Craig; H. Craig (Editors). **American Annals of the Deaf**, 137 (2) 85-91, apr. 1992.

STROBEL, Karin. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Dissertação (Mestrado em Educação) – Grupo de Estudos Surdos, Universidade Federal de Santa Catarina. 2006.

